

**INFÂNCIA, EDUCAÇÃO E DIREITOS SOCIAIS:
CASTIGOS APLICADOS ÀS ÓRFÃS DO ASILO
DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE
CAMPINAS-SP**

**CHILDHOOD, EDUCATION AND SOCIAL
RIGHTS: PUNISHMENT USED WITH ORPHANS
IN THE ORPHANAGE OF SANTA CASA DE
MISERICÓRDIA, CAMPINAS-SP**

Ana Maria Melo Negrão*

Resumo: Este artigo objetiva perquirir quais as repreensões previstas nas propostas educacionais das Irmãs de São José de Chambéry, Asilo da Santa Casa de Misericórdia de Campinas-SP, fundado para amparar centenas de órfãs desvalidas, em razão da epidemia de febre amarela que assolou Campinas em 1889. Por falta de políticas públicas de atendimento, o Asilo de Órfãs configurou-se como uma estratégia de política educativo-social, na elite campineira excludente, integrada pelas categorias sociais dominantes – Igreja, Imprensa e Oligarquia – representando para Campinas o único local de acolhimento às órfãs pobres e, em especial, às negras. As fontes constituem-se, basicamente, pelos documentos do acervo da Santa Casa de Misericórdia, biblioteca do Centro de Memória da Unicamp e, em especial, depoimentos e fotografias de egressas a relatar como eram as traquinagens e os castigos aplicados às órfãs pela Congregação de São José de Chambéry.

Palavras-chave: Asilo de Órfãs da Santa Casa de Misericórdia. Crianças desvalidas. Proposta educacional. História oral.

Abstract: This article aims inquired what the impact of repressions received by the Orphan Asylum, Santa Casa de Misericórdia de Campinas, under the care and educational proposals of the Sisters of St. Joseph of Chambéry, founded to support hundreds of helpless orphans, because of the epidemic yellow fever struck Campinas in 1889. For lack of public policies on attendance, the Orphan Asylum was configured as a strategy for education and social policy in Campinas exclusive elite, composed of the dominant social categories – Church, Press and Oligarchy – representing the only place to Campinas to host orphaned and poor, especially the niger. The sources were, basically, by the Institucional documents and photographs from the collection of the Santa Casa de Misericórdia, library, Memory Center, Unicamp, and in particular, repressions received under the aegis of the Congregation of St. Joseph of Chambéry.

Keywords: Orphanage Asylum of Santa Casa de Misericórdia. Very poor childhood. Educational proposal. Oral history.

Introdução

Este artigo adveio de um viés do doutoramento e pautou-se, em especial, nas falas das egressas do Asilo de Órfãs da Santa Casa de Misericórdia de Campinas-SP, que, em um exercício de memória, reviveram a infância asilada, com o objetivo de verificar os castigos aplicados às órfãs, sob a égide da Congregação de São José de Chambéry.

As egressas que, através da memória, relataram situações pitorescas sobre as traquinagens e consequentes castigos do tempo do Asilo, revivendo momentos da infância, sob o olhar de um novo tempo, capaz de matizar as vivências do passado com as cores do presente.

Rememorar fatos de um passado adormecido por trás da cortina do esquecimento propiciou um processo de construção e reconstrução da própria história.

Quanto às identidades das entrevistadas, foram utilizadas apenas as iniciais, mas muitas delas sem tiram-se muito à vontade para contar as suas travessuras, com muitas risada e humor, fazendo um esforço histórico e criticando as rígidas regras das freiras.

O Asilo de Órfãs supriu a ausência de políticas públicas de atendimento a meninas desprotegidas e configurou-se, na elite campineira excludente, integrada pelas categorias sociais dominantes – Igreja, Imprensa e Oligarquia – o único local de inclusão às órfãs pobres e, em especial, às negras, excluídas da maioria das instituições de ensino.

O Asilo configurou-se como uma estratégia emergente educativo-social, para acolher as órfãs desvalidas, impedindo-as de mendigarem ou prostituírem-se.

Lapa (1995, p. 224-225) referindo-se ao Asilo de Órfãs, declara que subjacente à filantropia, o trabalho tinha conotação escravizadora:

Por trás, portanto, do aparato filantrópico, por todos celebrados, estavam objetivos bem racionais e práticos, próprios de uma sociedade capitalista, capaz de transformar o Asilo numa escola de treinamento e formação de empregadas domésticas e futuras e laboriosas esposas de operários produtivos. [...] A rotina da vida em comum no Asilo era absorvida pelo trabalho chamado doméstico, que se distribuía entre os cuidados com a roupa, ao arranjos da cama e mesa, cabendo-lhes lavar a roupa, engomar, consertar, costurar. Todos os serviços ligados à cozinha, banheiros, etc também cabiam às órfãs, sob a superintendência das irmãs.

Trabalho pesado na infância

Uma das órfãs, Ci, contou como era o dia a dia dos serviços que elas deveriam cumprir, sob pena de não o fazerem, serem repreendidas.

Ci.: Tinha limpeza de sala de aula, porque a parte do colégio não tinha funcionário, só tinha lavadeira e cozinheira. Então, essa parte de limpeza, de faxina, era tudo a gente que fazia, tudo dividido. Então, uma turminha era prá limpar o banheiro, outra turminha era prá varrer a sala de aula, outra turminha era prá limpar o dormitório, outra turminha limpava os banheiros de cima. Só as internas

Traumas que transcendem a infância.

M.H.: Nas férias, ficava sozinha no Orfanato, pois meu pai precisava trabalhar. Fui internada no orfanato porque minha mãe teria morrido. Na verdade, ela o abandonara, fugindo com minha irmãzinha de dois anos. Só soube disso mais tarde com 21 anos, quando no dia de meu casamento em 1959, minha mãe apareceu na Igreja. Foi um susto, pois ela que era morta, de repente surgiu viva. Imagine como foi minha lua de mel, em que eu só pensava na minha mãe que apareceu no dia do meu casamento. Mais tarde, tive contato com minha irmã e soube que minha mãe tivera outros filhos com seu companheiro. Como soube do meu casamento, quis me ver, por isso, sem me avisar, surgiu na igreja. Não dá para descrever a sensação que tive. Nunca soube porque ela abandonara meu pai, e quando quis conversar com ela sobre isso, minha irmã impediu, pois ela estava muito doente com câncer. Nunca me libertei disso, até fiz terapia, tive bons empregos, mas meu casamento fracassou e sou infeliz.

Por esse relato, transparece a fraude na internação de *M.H.* pelo descumprimento da condição imprescindível de ser órfã, e no ato de admissão ter de apresentar atestado de óbito, nos termos regimentais. Como teria conseguido seu pai interná-la? A angústia jamais deixou *M.H.* cujas sequelas do súbito aparecimento da mãe que a abandonara nunca foram superadas.

Enfim, ela foi penalizada pela vida, uma vez que foi preterida pela irmã menor e, embora, seu pai a amasse muito, não teve outra alternativa a não ser interná-la no Asilo, mesmo com pais vivos.

E a presença da mãe que ressurgiu no dia do casamento em vez de ser um presente, foi um novo castigo psicológico, do qual ela jamais se libertou.

Traquinagens reprimendas na tradicional procissão

As procissões de 15 de agosto, eram tradicionais por ser o dia da Padroeira, Nossa Senhora da Boa Morte, e o dia da fundação do Asilo em 1890, e as órfãs em fila, no meio da rua, espiritualizavam o ambiente externo.

As órfãs, em posição de anjos, eram usadas para condoer a alma e o coração de quem as via passar, e depois da procissão que percorria as ruas do centro da cidade, chegavam, às mancheias, os legados, os donativos tanto em dinheiro como em espécie.

Figura 1 – Procissão de 15 de Agosto



Fonte: Acervo De Biasi.

As órfãs, vestidas de anjo, conotavam signo de inocência e pureza, relevante ao catolicismo, pois a vestimenta, com batas brancas e imensas asas, as coroas de flores, as mãos postas a percorrer as ruas da cidade, eram eficazes estratégias para angariar donativos e legados.

Embora a procissão de 15 de agosto fosse a data mais solene da Santa Casa, como demonstração pública de fé e homenagem à padroeira, não faltava alguma travessura das internas.

Der.: Na procissão eu ia de uniforme branco e sapato preto e as meninas me chamavam de ‘pomba de perninha preta’. Aí eu não queria ir na procissão. Um dia na classe, a freira estava mandando todo mundo parar de conversar e disse: ‘Quem der um pio não vai sair na procissão.’ Eu, lá no fundo da sala falei: ‘Piu!’ e aí fiquei de castigo até a procissão terminar. Mas costumava sair de anjo e sempre usava vestido cor-de-rosa.

A personalidade de Der era muito forte e ela ficou marcada por isso, pois não se intimidava, era insolente para a época e destoava da submissão e medo dos castigos aplicados quando se infringiam as normas disciplinares.

A maioria sujeitava-se às regras, embora o verdadeiro rosto de alguma criança deixasse de ser o da coletividade, deixando cair a máscara da obediência irrestrita, tanto mais tempestuosa ou irreverente fosse a sua peraltice e reação.

Travessuras, traquinagens permearam o cotidiano da instituição (LEFÈBVRE, 1958), como marcas fortes da memória e demonstraram reações infantis à política educacional das Irmãs, de amoldar todas as órfãs a uma formação padronizada, homogênea, reiterada pelo relato de R.G.

R.G.: Aplicavam castigo nas mais levadas, mas não era as-

sim uma coisa exagerada. Quando as freiras queriam assim descobrir alguma travessura, alguma malvadeza que as meninas faziam, sabe o que elas faziam? Pegavam uma galinha que estava chocando e punham dentro de um cesto. Me recordo que as freiras fizeram isso, na época da procissão, uma vez que a C.P. e a Dru. brigaram e uma picou o vestido da outra com uma tesoura ficando um monte de pano em tiras. Aí as freiras queriam saber quem fez aquilo e arrumaram a tal da galinha para a gente passar a mão nela. A história era assim: Cada uma passava a mão na galinha. Se a galinha cacarejasse foi aquela que aprontou. Na vez da C.P., a galinha fez có-có-có. Foi você mesmo, disse a freira. Aí C.P. começou a chorar e as freiras chamaram o pai dela.

A estratégia ameaçadora das Irmãs em colocar uma galinha choca para, através de seu cacarejar, desvendar a autora da traquinagem de deixar em tiras o vestido da colega revelou um aspecto psicológico do medo. Ao que parece, a autora da travessura deixou transbordar o seu nervosismo na força incontrolada para passar a mão na galinha. Para castigar uma menina, a galinha choca aliou-se ao processo punitivo. O que teria levado *C.P.* a ter tido tal explosão de revolta a ponto de picar o vestido de *Dru.*?

Interpretação de foto das órfãs, ressaltando o castigo

Uma foto datada de 1919, com as órfãs dispostas de forma em degraus, retratava as meninas de bom comportamento, a ostentarem ao redor do pescoço, na missa de domingo – uma fitinha vermelha, como prêmio, enquanto as outras eram rotuladas de terem ferido a disciplina.

Figura 2 – Grupo de Órfãs do Asilo da Santa Casa de Misericórdia (1919)



Fonte: Acervo de Maria Luiza Pinto de Moura.

Indubitavelmente, as fotos possuem uma linguagem, e essa foto das órfãs, em especial, pela decodificação fornece elementos de interpretação de práticas educativas, a foto de grupo de órfãs permitiu analisar a ordem, a disciplina rígida, o silêncio e o ficar imóvel, tendo como pano de fundo a porta de entrada do Asilo de Órfãs já numa trajetória de vinte e nove anos.

Tudo na fotografia, estava rigorosamente nos moldes preceituados naquela época de início de século. Em pé, no último plano, na sétima fila, sobressaem as Filhas de Maria¹, mulheres mais adultas, com suas largas fitas e medalha sobre o peito, detendo o controle do grupo e representado o poder.

Quanto ao dia da semana em que foi tirada a foto, pelo traje das crianças, botas, vestidos de gola marinheiro sobre a qual algumas ostentavam as fitinhas vermelhas – símbolo do bom comportamento semanal –, infere-se que fora feita em um domingo, antes ou depois da missas, pois era na missa dos domingos que elas exibiam a obediência às regras.

É de se notar que não há órfãs negras ocupando a primeira e segunda fila, estando posicionadas, de preferência, próximas às extremidades das demais filas, diluídas no grupo.

Fotografar em domingo, contrapondo meninas com fitinhas vermelhas ao redor do pescoço ao lado das que não as receberam, revela que as meninas que se comportaram mal deveriam postar-se na primeira fileira. Seria esse o motivo de semblantes tão tristonhos? Não se nota qualquer sorriso em qualquer rosto, porém semblantes sérios, tristes, o que não é o usual em crianças, cujo sorriso fluiu espontaneamente.

Importa ressaltar que essa foto é discriminadora, grita as diferenças entre boas e más meninas, uma vez que a fitinha era símbolo de representação de cumprimento dos deveres, e atitudes sem deslizes ou peraltices infantis.

Embora a fotografia seja datada e paralisada em 1919, não é uma imagem neutra. Por trás de seu aspecto mudo e silencioso, esta fotografia fala, explode numa linguagem semiótica, preenche de representações, permitindo uma leitura ampla dos significados que de implícitos, vão se desfraldando, revelando-se à superfície explícita.

Além da preocupação com a divisão de planos, tanto na horizontalidade, como na verticalidade, estão presentes as representações de padronização; de unidade (BAUDELLOT; ESTABLET, 1975); de ausência de sorriso para uma infância submissa, de disciplina, de segregação da órfã negra, de respeito advindo do traje

discreto e com mangas compridas, nada deixando entrever do corpo à exceção do rosto, como preceituavam os termos regimentais.

Os depoimentos abaixo da órfã *T.G.*, que sentia pena de quem não ganhava a fitinha, e de *Der.*, a qual jamais merecera a fitinha vermelha, subsidiaram a decodificação da fotografia, em relação ao significado disciplinador da fitinha, e quanto ao dia em que foi tirada, conforme elucida Dubois (1999, p. 26), quando diz que “[...] subsiste na imagem fotográfica um sentimento de realidade incontornável do qual não conseguimos nos livrar, apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo e que se combinaram para sua elaboração.”

Der.: [...] uma das meninas mais velhas ficava com um caderninho marcando quem fazia alguma coisa errada e eu sempre tinha um monte de cruzinhas. Quem não tinha cruzinha ganhava fita vermelha de bom comportamento. Um dia entregaram uma fitinha para mim, talvez por terem esquecido de marcar as cruzinhas. Aí fui na missa de Domingo com a fita, e bem no meio da missa, a Irmã Virgílina percebeu, foi lá e tirou a fita.

T.G.: Alguma que estava sem fita ficava lá no fim da fila chorando. Eu tinha dó daquelas meninas sem fita, na missa do domingo. Ah! Tinha aquela pretinha, a *M.T.*, levada da breca que dava em todo mundo. E ela nunca levava fita porque batia nos outros.

A fala de *Der* demonstra, explicitamente, a forma como as freiras cultivavam a deduração, ao colocarem as meninas mais velhas com o caderno na mão para aplicar as fatídicas cruzinhas. Ademais, ela sofreu grande constrangimento pelo fato de a irmã, publicamente, durante a missa, arrancar-lhe do pescoço a fitinha colocada por engano. Sem dúvida uma atitude educacional questionável.

Pelas representações do castigo na infância que ficaram na memória, muitas órfãs evocaram o grande salão nobre, imponente, com seus janelões de madeira, emoldurados com belas cortinas, suntuoso lustre, mesa longa rodeada de cadeiras, tantas quantas necessárias para as reuniões da Irmandade, da Provedoria, e festividades.

Lr.M.: Era aquele salão onde ficavam aquelas pessoas que tinham morrido... O salão nobre! E aquela que falar qualquer coisa vai para o salão nobre, dizia a freira. E cada uma que ia lá de castigo, contava que viu o quadro mexendo. Era fantasia! Era aquela coisa de medo!

M.H.: Senti medo de ficar de castigo, no escuro, no salão dos retratos antigos. As meninas maiores diziam que saía fogo dos olhos e das bocas das pessoas dos retratos. De tanto medo fazíamos “xixi” na calcinha e não ousávamos abrir os janelões. Qualquer arte e ficávamos presas ali; porque não guardávamos o silêncio nas refeições ou no serviço diário.

Der.: Fui de castigo no salão nobre, com as portas e janelas fechadas, no escuro. Como estava com medo, resolvi abrir as portas e janelas. Uma das freiras viu a janela e a porta abertas e correu nas classes avisar que o inspetor estava lá, porque só abriam o salão na visita do inspetor. As freiras começaram a ensaiar as crianças: “Boa tarde, senhor inspetor” e uma se lembrou de tirar-me do castigo por causa da presença do inspetor. Descobriram que não havia inspetor nenhum e eu, a Der. que tinha aberto as janelas.

Paradoxalmente, no lugar onde se davam as reuniões da benemerência também se inculcava o medo, o terror, E daí as vozes mudas pela morte e os olhos abertos pela mão dos pintores, criavam vida à criança trancafiada naquele cárcere. McLaren (1992, p. 234-235) reitera que o castigo escolar às crianças, “[...] frequen-

temente funcionava num nível simbólico para dar ao estudante uma antecipação do que pode ser esperado pelos imprudentes que transgridem as regras [...]” e, ainda com “[...] uso do constrangimento tomava a forma de reprimendas para diminuí-lo, esvaziando seu senso de segurança ou identidade.”

Para as órfãs, o salão representava o espaço da punição, levando ao não controle esfínteriano – “De tanto medo fazíamos ‘xixi’ na calcinha e não ousávamos abrir os janelões”. As pessoas reproduzidas nos retratos, aos olhos das órfãs, até se mexiam, cujo medo, hoje, transmuda-se em fantasia – “E cada um que ia lá falava que viu o quadro mexendo... Era fantasia!!”

Pitoresco o depoimento de *Der.*, que representava um comportamento liberto das repressões, pois abriu as janelas, insurgiu-se contra o proibido, burlando as freiras, que providenciaram o cumprimento aos inspetores, que deveriam estar chegando, com – “Boa tarde, senhor inspetor” e uma delas se lembrou de tirar-me do castigo por causa da presença do inspetor.” Eram rotineiras as insubordinações de *Der.* Decorre daí o conflito entre a rotina diária do Asilo e o ideal que as freiras tentavam simular à inspeção escolar, corroborando para se desenhar a atuação da congregação, com ênfase na disciplina rígida, na pedagogia do medo, na religião que castiga, na castração da sexualidade. Tudo isso gera o cultivo de um “*hábitus*”, conforme Bourdieu e Passeron (1992, p. 44):

A ação pedagógica (AP) implica o trabalho pedagógico (TP) como trabalho de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável; isto é, um *hábitus* como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se após a cessação da AP e por isso se perpetuar nas práticas dos princípios interiorizados.

Refeitório e a cozinha: ...Comer em silêncio... Olhar no prato... Ouvidos na leitura...

No piso inferior ficavam, além das salas de aula, o refeitório e a cozinha. As refeições eram feiras em silêncio absoluto, enquanto alguém lia a vida de um santo.

Cel.: Para ensinar boas maneiras, as freiras falavam umas quadrinhas:

“Eu comi ontem no almoço
A azeitona de uma empada
Depois botei o caroço
Sobre a toalha engomada

Mas a mamãe logo veio com carinho
E me disse:
“O osso, o caroço, o espinho
Poe-se no cantinho do prato.”

Mas o meu prato
É redondo,
Meu prato
Não tem cantinho.”

A.O.: No refeitório, as meninas viram que a Irmã E. ia bater na N.V., gritaram e ela acabou fugindo. Me lembro um dia, quem aprontou foi a Der. pegou o prato cheio de comida e jogou no chão do refeitório. Às vezes a comida era ruim ou as crianças não queriam comer. Comi pão com pimenta para matar a fome, porque recusei a comida que estava ruim. Expulsa da aula de bordado, fui pra cozinha, onde a freira achara uma ninhada de ratos. Peguei os ratos e da escada, mostrava pras outras crianças que ficavam rindo.

M.L.P.B.: Eram 2 refeitórios: o nosso limpo, simples e a sobremesa era fruta – abil, cereja, e outra; e o refeitório das Irmãs, onde jantavam depois de nós. A irmã Esc., depois

do jantar dela, me chamava do meu cantinho para me dar a sobremesa que ela deixava de comer. Era um gesto de carinho do qual eu me lembro com muita gratidão e conto para minha família.

Lr.M.: Quando cheguei eu estava quase morrendo, né? A comida era boa, de manhã era café com leite, pão fresquinho... não me lembro se tinha margarina ou manteiga, o café era bem reforçado, comia à vontade, podia repetir o café, tudo com fartura, o almoço tinha carne boa todos os dias, legumes da época.

R.G., I.G., T.G.: Tinha que comer, mas elas experimentavam, se estava ruim elas mandavam de volta, sem sal... A alimentação não era ruim. Era uma boa alimentação: arroz, feijão, carne, verdura, leite, aquelas latonas. O leite era a coisa mais deliciosa. Podia beber à vontade. O bule era dessa altura assim, uma coisa exagerada... Aquele café gostoso.

Enquanto para a primeira informante, a lembrança do refeitório remete à aprendizagem de bons costumes nas refeições, para a segunda direciona-se à qualidade ruim da comida – “Um dia comi pão com pimenta para matar a fome, porque recusei a comida que estava ruim,[...] fui para a cozinha, onde a freira achava uma ninhada de ratos. Peguei os ratos e, da escada, mostrava pras outras crianças que ficavam rindo” – inclusive lembrança compartilhada com situações vivenciadas por outras – “quem aprontou foi a *Der*. Pegou o prato cheio de comida e jogou no chão do refeitório” – e para a penúltima, a representação era oposta à da segunda, fartura e boa comida – “podia repetir o café, tudo com fartura, o almoço também tinha carne boa todos os dias, legumes da época”.

A atitude de *Der*. ao jogar a comida no chão, naquele contexto de disciplina rígida, foi, certamente, uma ousadia, pois insurgiu-se de forma agressiva, o que lhe deve ter valido uma boa reprimenda.

Inferimos, no entanto, a não subserviência daquela criança traves-sa e mesmo insolência, para a época.

Em depoimento *Der* posterior à entrevista, resolveu escrever a história de sua vida, relatando que “[...] gostava muito do orfanato da Santa Casa porque fazia muita travessura e não tinha medo das Irmãs. Nunca ganhava a fitinha vermelha de bom comportamento.” E ainda parece ter orgulho em contar: “Cheguei a tomar umas chineladas da Irmã C. que fui parar na enfermaria. Quando saí, fui atrás da Irmã cantando chinelo vai, chinelo vem, chinelo de freira não mata ninguém.” Provavelmente, diante de mais essa irreverência de *Der.*, a Irmã nada fez, porque o regimento proibia castigos corporais, e as chineladas devem ter sido de tal força que a menina precisou de cuidados de enfermaria, talvez gerando dificuldades à Irmã. Porém, nada intimidava *Der.*

Banhos

Nos banhos comunitários, transparecem a repressão e a complexidade da higiene corporal, ao lado de sensações gostosas, e as representações por elas construídas para iluminar a apreensão daquele contexto.

Ci.: Os banhos? Tinha uma sauna enorme, uma espécie de ducha como um esguicho. Era um cano e fazia um arco como se fosse a costela da gente. Então entrava lá, abria, água quente e fria, molhava inteirinha. Cada uma tinha uma camisola de banho, decotadinha e sem mangueira. A gente molhava, entravam 5 ou 6 ali naquele arco, saía e ia se ensaboar, em rodízio. Enfiava a mãozinha por dentro para se lavar com sabonete. Banho! duas vezes por semana, porque não tinha espaço. Se faltasse água no hos-

pital, a gente tomava banho frio no tanque, maior que essa sala. As freiras eram conservadoras. Para vestir não podia mostrar o joelho. Um pudor exageradíssimo! Irmã Aurélia, avançada para a época, falou: ‘Vocês vão tomar banho. Tem que lavar o lugar que faz xixi’, foi fogo! Desabou o Colégio! Acho que nós rimos quase uma semana...

R.G., I.G., T.G.: (três irmãs partilhando a fala). O banho, naquele tancão, parecia uma piscina. Ai, que gostoso! Tomávamos banho de camisolão, ninguém podia ver nada. Era uma pureza tremenda. E quando ia ficando mocinha, tomava separado, no arco para não manchar a água com sangue. Nós trocávamos de roupa e ninguém via o corpo uma da outra. Puxávamos o lençol por cima da cabeça, e nos trocávamos... E a camisola molhada a gente tirava sem mostrar o corpo.

T.J.C.: Na sala, a Irmã falava: ‘Quem vai tomar banho na ducha?’ Algumas levantavam a mão e saíam. Não entendia nada, só depois soube que meninas menstruadas não entravam na tina, no tancão, para não manchar a água, por isso iam para a ducha. Os tancões nos outros dias eram usados para lavar roupa. Quando não tomávamos banho, às vezes, tínhamos que mostrar o fundo da calcinha para a freira ver se estávamos limpas, pois tínhamos que ter asseio, saber se limpar bem com papel... não sei que papel. Acho que era jornal, não me lembro se tinham papel higiênico.

Pela fala das meninas, o banho era adstrito a rígidas regras para coibir o gozo da água em contato com o corpo, vez que uma camisola neutralizava o tato, a dimensão sensorial. Nos ensinamentos relacionados à violência simbólica de Bourdieu e Passeron (1992), e a camisola de banho era um signo que transmitia mensagens de recato e pudor, com o fim de moldar o comportamento da órfã, reafirmando-lhe os instintos maléficis à moral cristã e aos bons costumes. Essa forma de inculcar dominação nem sempre era percebida pela

órfã. Todavia, em contraponto, o banho era também um momento de prazer, com se percebe, claramente, pelo enunciado – “O banho, naquele tancão, parecia uma piscina Ai, que gostoso!” A expressão “Ai, que gostoso!” está carregada de agradável lembrança a ponto de igualar o tancão a uma piscina, onde o grupo se divertia, sentia o contato da água, enfim era um momento de asseio e lazer.

O asseio corporal ficava relegado a um sabonetinho, discretamente esfregado no corpo, coberto pela camisola, e como declara uma das meninas, ocorria duas vezes por semana. Em todas as falas há representação do impedimento de visualizar o corpo. Até para se enxugar e vestir-se, havia rituais reprimindo qualquer prazer tanto em tocar com em vislumbrar o corpo. O camisolão, além de estratégia para não ver o corpo, favorecia o hábito de saber vestir-se com pudor, mediante adequados movimentos gestuais: “É de um pudor, que não podia ver nada.” Inferimos que a memória de todas do grupo remetem às mesmas evocações.

A fala das três irmãs – “Era uma pureza tremenda” – deixa entrever que na educação institucional abdicava-se do corpo como se ele não fizesse parte da estrutura ontológica do ser humano, reprimindo-se o autoconhecimento do corpo, para não macular as virtudes da alma. Como a congregação estava sob os auspícios do ideal ultramontano e das orientações rígidas do Ratio Studiorum, das Máximas de Perfeição, conhecer o corpo poderia estar comprometendo esse ideal.

Pelo relato de T.J.C., “ter que mostrar o fundo da calcinha para a freira ver o asseio”, evoca uma situação arbitrária de constrangimento, ou repercussões de hábitos franceses de utilizar poucos banhos semanais.

Pela fala de Ci.: “Irmã Aurélia, avançada para a época, falou: ‘Vocês vão tomar banho. Tem que lavar o lugar que faz xixi’, foi

fogo! (risadas) Desabou o Colégio!” desabrocha uma Irmã progressista, sinal de contraste naquele contexto repressor, a tal ponto que a sua fala “lavar o lugar que faz xixi” foi inusitada e quebrou o arcabouço de vedação de toque na genitália. Podemos nos valer de Lefèbvre (1972)² que preceitua serem as escolas consideradas centros moleculares de poder, onde se processam essas relações de poder. Deriva desses centros a possibilidade de revolução, uma vez que na instituição, em havendo as relações de poder, existe a possibilidade de questioná-las, refazê-las, como fez a *Irmã A*.

Representações da sala de aula

Muitas lembranças das salas de aula emergiram nas histórias vividas, algumas boas, outras ruins. No térreo, havia seis salas de aulas: quatro para as externas e duas separadas para as internas, o que demonstrava discriminação. As salas eram amplas e com bancos, usadas também para estudos, onde o silêncio tinha de ser absoluto, cabendo à freira acompanhante vigiar, na esteira de Foucault (1999). Cada classe tinha sua professora. Com o passar do tempo, as alunas internas e externas passaram a ter aulas juntas, tendo sido os bancos substituídos por carteiras individuais. Relembrando o ambiente de ensino, reconstruíam as entrevistadas o cotidiano da sala de aula e algumas situações merecedoras de destaque.

Lr.M.: As matérias eram português, matemática, geografia, história, religião. Caligrafia, nossa! com aquela letra bem estreitinha. Naquele tempo usávamos os dois tipos de cadernos, os livros de leitura, tudo encapado, impecável, os lápis bem apontadinhos, sem derrubar uma sujeirinha no chão. Era muito rigoroso.

M.L.P.B.: No 4º. ano, a Irmã escalou-me pra ajudá-la nas aulas do 1º. ano, na cartilha. A Diretora chamou meu pai e pediu para eu ir para o convento, estava certo até meu dote. Meu pai não deixou, pois eu estava ali por contingência, não para ser freira.

Ci.: Ah, estudar Ciências? Qualquer coisa a freira mandava virar a página. No catecismo, fiquei uma semana de castigo porque me atrevi a perguntar: – Nossa Senhora foi virgem antes e depois do parto? O que era ‘parto’? A freira não respondeu e fiquei de castigo, sem poder falar com ninguém. A gente estudava Ciências: Cabeça, tronco e membros! não podia falar de ‘fígado’, do ‘coração’, de mais nada, vira a folha.

Cel.: Da Irmã Esc. guardo lembrança traumatizante. Tinha 11 anos quando ela mandou-me esperar na sala de aula e começou a falar-me sobre sexo, menstruação, homem: ‘Você não é mais inocente! Vai ficar grávida, sua barriga vai crescer, tem que fugir de homem!!!’ Fiquei amedrontada e nem tinha menstruado ainda. Um dia, no bonde, um homem encostou em mim e eu chorava de medo de ficar grávida. Ninguém entendia porque chorava tanto! Descobri depois que a Irmã Esc. falou aquilo para mim, por vingança. Eu tinha me revoltado por perder um passeio para ensaiar no coro com as Irmãs Bas. e Esc.

Os depoimentos das órfãs são exemplos de como a sala de aula era espaço de ação pedagógica com inculcação de elementos da violência simbólica e dominação, como preceituam Bourdieu e Passeron (1992) com evocações, em que a memória trazia à tona situações triviais mescladas com traumas.

Os relatos de *Cel.* e de *Ci.* estão envoltos em repressão da sexualidade, chegando a freira aterrorizar *Cel.* com a possibilidade de uma gravidez, levando-a a um sentimento de medo injustificado. Talvez a repressão sexual da própria freira gerasse seu comportamento inadequado. Mais grave a reação ao questionamento de *Ci.*

sobre “parto”. Supõe-se que a formação jesuítica das Irmãs, tendo que abdicar do corpo e da sexualidade, exigia uma pedagogia que inspirasse o desapareço absoluto pelo sexo, pela carne, pela maternidade, pelo corpo. Portanto, infere-se que as aulas de Ciências representavam um grande perigo e poderiam conduzir as órfãs a lascívias, portanto, a solução era – “*virar a página*”.

Uma lembrança muito traumatizante contextualizando a sala de aula, demonstrando absoluta inabilidade para amparar e educar órfãs, emerge do relato de uma das entrevistadas:

En.: Um dia, uma órfã grandona, a Lor. fez xixi na cama e o colchão era de palha. Daí, a Irmã Nat. obrigou a menina humilhada e chorando a carregar nas costas o colchão até a classe; quando acabou a aula, levou o colchão de volta para o dormitório. Quando alguém andava no corredor de lençol enrolado na cabeça era porque tinha feito xixi na cama.

Injustificáveis aplicações de castigo, medo e humilhação sobre o fato de “*fazer xixi*” e ter de carregar o colchão úmido nas costas ou caminhar com a cabeça embrulhada no lençol molhado de urina. Essas relações de poder perpassavam, segundo Bourdieu e Passeron (1992), técnicas pedagógicas em que as freiras impunham penitências humilhantes para o controle esfinteriano, expondo as órfãs a situações vexatórias e de fraqueza para que atingissem o autocontrole da função de micção.

Corroboram com a reflexão as palavras de Dolto (1998, p. 128):

A enurese é sem dúvida uma linguagem. O xixi na cama é corrente nas crianças da ASE (Assistência Social à Infância). Há acolhimento que [...] seja por não levarem a sério o problema, seja por recorrerem a receitas que podem ser terríveis. Cito duas ou três que me parecem especialmente sádicas: fazem a criança dormir sem cobertor e no chão

para que sinta frio quando urina, ou fazem um nó apertado em torno do pênis para impedi-la de urinar; ou ainda, obrigam a criança a usar sempre o mesmo pijama e o mesmo lençol, para o mau cheiro a incomode.

Reconstruir os percursos sociais nas dimensões profissionais e familiares abrange situações e pontos de referência pelos quais passaram as entrevistadas: o fim do tempo de asilada, descontinuidade de estudo, ingresso no mundo do trabalho dentro ou fora de casa, mudanças de emprego, moradia, casamento, nascimento de crianças, interrupção das atividades de trabalho fora, ascensão social...

As recordações das egressas colocam de novo no coração sua fase de criança e de asilo, o qual elas denominam “escola ou colégio”, as colegas, as freiras, em que o tempo não se baliza por dias, meses, anos, mas pelo que foi significativo na reconstrução de um passado, que por vezes se presentifica, com repercussões de extrema relevância para a condição de casada, de dona de casa, de profissional, de doméstica... Fernandes, R.S. (2002, p. 82), ao pesquisar *as Memórias de Menina*, expõe que:

A possibilidade de evocar imagens significativas vivenciadas no passado e de relacioná-las com o que é vivenciado no tempo atual revela um processo de ressignificação das vivências, tanto das passadas como das presentes e futuras, ou seja, do que se viveu, do que se vive, do que se procura manter ou viver futuramente.

Repercussões da vida infantil na Instituição Total

Reativar a memória das egressas, com foco no passado, para descobrir como foram seus caminhos de vida pós-instituição, tor-

nou-se uma categoria para reconstruir trajetória não-linear, com seus condicionamentos, seus silêncios, suas amnésias, apropriação de sentimentos de alegria, suas integrações, momentos de repressão ou de medo que povoavam o orfanato.

A decodificação dos relatos das egressas, sob a visão da vida adulta, em cotejo com as diferenças e as semelhanças, permitiu inferir que a memória se transmuda em história de vida com as repercussões em seus destinos, pelo tempo em que permaneceram no Asilo de Órfãs.

As análises de Kenski (1995, p. 109) ensinam-nos que:

As vezes, que atuam na recuperação da memória, vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores no momento do relato. O primeiro é a seletividade da memória. A memória é seletiva e envolve, não apenas lembranças, mas também silêncios e esquecimentos. O que é narrado é, praticamente, uma reconceituação do passado de acordo com o momento presente. As pessoas não têm, em suas memórias, uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de construir-se uma versão do passado e transmiti-la oralmente de acordo com as necessidades do presente. É nesse momento, o da narrativa de uma versão do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para tornarem-se histórias.

Com lábios trêmulos e olhos marejados, as recordações das egressas fizeram aflorar a condição de criança de asilo, as colegas, as freiras, momentos de repressão ou de medo que povoavam o orfanato, em um tempo não balizado por dias, meses, anos, mas pelo que foi significativo na reconstrução de um passado, por vezes presentificado, com repercussões de extrema relevância para seus destinos.

As entrevistadas rememoraram os tempos de criança, as brincadeiras, as travessuras, os medos do castigo, as aulas, as missas, a capela, o coral, as procissões de 15 de agosto. Momentos de maior sofrimento, talvez por envolverem motivos mais complexos e traumáticos, foram silenciados, salvaguardando fatos da vida que, talvez, não desejassem exteriorizar. As reflexões de Pollak (1989, p. 8) iluminam-nos quanto aos silêncios e aos “não-ditos”:

[...] existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, não-ditos. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento.

Referências

BAUDELLOT, C.; ESTABLET, R. **A escola primária segregada**. Paris: Maspéro, 1975.

BERTAUX, Daniel. L'approche Biographique: sa validité methodologique, ses potencialités. **Cahiers internationaux de Sociologie**. [S.l.: s.n], v. LXIX, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico: memória e sociedade**. Lisboa: Difel, 1989.

_____; PASSERON, Jean C. **A Reprodução**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CAPELATO, M. Helena R. **Multidões em cena propaganda política no varguismo e peronismo**. Campinas: Papyrus, 1988.

CORAZZA, Sandra Mara. **História da infância sem fim**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2000.

CHARTIER, Roger A. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHRONIQUES de la Congrégation des Soeurs de Saint-Joseph de Chambéry. Chambéry: Imprimeries Réunies, 1936.

CONSTITUIÇÕES das religiosas de São José de Chambéry, sob a Proteção da Imaculada Mãe de Deus. Roma: Casa Generalícia, 1951.

DERMATINI, Zeila de B. F. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, Alice B. da S. G. (Org.). **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo: CERU, 1992. (Coleção Textos. Série 2, 3).

DUARTE, Rafael. **Campinas de outrora**. São Paulo: Andrade & Mello, 1905.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico**. Campinas: Papirus, 1999.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. In: _____ (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **História da sexualidade, 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Iannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FRANCA, Leonel. **O método pedagógico dos jesuítas**. “Ratio Studiorum”. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KENSKI, Vani Moreira. Memória e Prática Docente. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **As faces da memória**. Campinas: Centro de Memória, Unicamp, 1995. p. 101-114.

LAPA, José Roberto do Amaral. **Os cantos e os antros**. São Paulo: EDUSP, 1995.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina S. de Souza; DEMARTINI, Zeila de B. Fabri. **História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU**. São Paulo: Humanitas, 1998.

LEFÈBVRE, H. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madri: Alianza, 1972.

_____. **Critique de la vie quotidienne**. Paris: l'Arche Editeur, 1958.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

MACIEL, C. da S. **Discriminações raciais: negros em Campinas (1888-1921)**. Campinas: Editora da Unicamp, 1987.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História social da criança abandonada**. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____. (Org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993. v. 3.

McLAREN, Peter. **Rituais na escola, em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Traduzido por Juracy Marques e Ângela M. B. Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1992.

NEGRÃO, Ana Maria M. Educar para a cidadania através de valores cristãos. In: DEMARTINI, Zeila de Brito F. (coord.). **Memórias da Educação: Campinas (1860-1850)**. Campinas: Unicamp, 1999.

_____. **Infância, Educação e Direitos Sociais – Asilo de Órfãs (1870-1960)**. Campinas: Unicamp/CMU, 2004.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRIORE, Mary del (Org.). **História das crianças do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE CAMPINAS. **Primeiro centenário MDCCCLXXI-MCMLXXI**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1972.

SIMSON, Olga R. M. Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988.

_____ (Org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Unicamp, 1997.

Arquivos consultados

Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Campinas. Campinas, São Paulo.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Campinas. Campinas, São Paulo.

Arquivo do Centro de Memória da Unicamp. Campinas, São Paulo.

Arquivo fotográfico de Aristides da Silva (V-8). Campinas, São Paulo.

Notas

* Doutora pela Faculdade de Educação/Unicamp, pesquisadora do CMU; Professora de Sociologia Jurídica da PUC-Campinas e coordenadora do Curso de Direito/UNISAL/*Campus* Liceu Salesiano/Campinas. E-mail: <anamarianegrao@me.com>.

¹ As Filhas de Maria pertenciam a um grupo da Igreja que primava pelo cultivo de valores evangélicos, muita pureza, castidade, oração e espiritualidade.

² Lefèbvre, na sua obra *La vida cotidiana en el mundo moderno* (Madri: Alianza, 1972), propõe uma nova conceituação de revolução, que ocorre, no cotidiano, quando se quebram amarras, preconceitos, tradições, podendo partir de uma única pessoa, como sinal de contraste, e motivando as demais.